

A EDUCAÇÃO PELO TIJOLO

Eli Celso de A. D. da Silveira*

“A menos que queiram afirmar que enquanto ele diz em voz alta, 'tijolo!', ele diz sempre, de fato, para consigo, intimamente, 'traz-me um tijolo'. Mas qual a razão para o afirmarmos?”

Ludwig Wittgenstein

O homem sentado sobre a pedra não está mais pensando na pedra que em si. O homem não está nem mesmo sobre a pedra; saiu mundo afora, em nada melhor que um anjo analfabeto. E dessa pedra ele era feito. Dela foi retirado e erguido. E o seu ofício de ser pedra e homem foi curtindo.

Essa pedra era um pulmão exposto ao sol sertanejo. Era um pulmão analfabeto, sem musgo nem asma. Mas um dia aprendeu os mistérios do respirar e da erosão, abrindo um caminho para seu interior.

A pedra cantou como canta ainda uma pedra lá no Serrote do Sino, grotões do “Camelo”. Depois a pedra perdeu sua consistência substantiva. É isso que vimos tentando dizer: a pedra superlativizou-se. Não virou uma múmia, mas um homem. A raça helênica foi formada de pedras jogadas por Deucalião e Pirra, por sobre seus ombros. Aqui no sertão brabo dos lajeiros, dos cabeços e das pedras fundadas nos homens, também foi assim. Os homens vinham de pedras analfabetas e eles eram.

A casa era de pedra abaixo de pedra. As cercas de pedra empilhada, onde cobras e tatus se entocavam. E legiões de homens eram alicerce e fundamento: de mais casas e logo de cidades. Cidades inteiras sobre arcabouço de pedras.

E o sol do sertão bebia nossa água, matava os bichos e os jogava em qualquer canto, só deixando o couro. As pedras então se encouraram e foram conhecer. Foram ter ciência de letras, de roça, de criação, de aboio,

* Professor do Departamento de Educação da UFRN

de incelenças. Inda foram se instruir de um tudo e fabricar instrumentos e sedimentos dos seus juízos e trabalhos.

Para sua casa ele mais que pedra carecia. De tijolos grandes e de uma alma ligante por entre eles. E assim nomeando e, por ostensão, foi somando tijolo a tijolo: que deu paredes, a casa, o comedouro e bebedouro dos animais, o tanque, o caçimbão e a oficina do espírito que somava e deduzia. Que via e acumulava sol após sol as consciências do instante. E o tijolo era de adobe, seco ao sol e o sol também preparava o algodão que queimaria inutilmente pelas noites a lição agrária dos dias.

E foi assim às noites no copiar que as mãos aprendizes fizeram do dever de lápis ao artesanato e entraram nas rendas das fêmeas ainda as lições e fundaram este mundo de instrução civil dentro das carnes, com os falus de pedra. Dentro das carnes.

O tijolo, entretanto, não é o átomo. Os seus constituintes, a tabatinga, o barro, o fogo ou a palha pisada e esbagaçada mais a lama da vazante, o sol ou as suas sílabas, é que são o aprendizado do tijolo. Com a lama ligante o homem senta os tijolos e desenha vãos unidos por ausências. O tijolo é a molécula, com seus átomos virtuais à espreita. E desata sobre os homens

ta-te-ti-to-tu

ja-je-ji-jo-ju

la-le-li-lo-lu

essa espreita.

Esses homens forjados na pedra e agora do chão, do gado e das fêmeas, tinham letras e quando um tijolo ia junto de outro, conversavam entre si. A fala dura e perdura entre eles e é isso que lê natureza e cultura. Sujeito a sujeito. Transformação a transformação. A fala. Pontes. A combustão das ignorâncias em direção a uma liberdade buscada, visada, onde a luta e a vida estão postas como soluto e solvente. E a retorta, o laboratório desses eventos é o nosso homem evadido da pedra.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREIRE, P. *Conscientização*. 3 ed. São Paulo: Moraes, 1980. 102 p.

_____. *Pedagogia do oprimido*. 11ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982. 220 p.

MOURÃO, G. M. *Os peões*. Rio de Janeiro: Record, 414 p.

WITTGENSTEIN, L. *O livro castanho*. Lisboa: Setenta, 1992. 136 p.